



Mulheres tiram o sutiã contra o preconceito. Índios e manifestantes também vão para as ruas por causas ambientais, provocando retenções de até sete quilômetros



COM ARCOS e flechas, índios param o trânsito, deixando perplexos motoristas de táxi que passavam pelo Aterro do Flamengo. Grupo seguiu até o prédio do BNDES, no Centro, para protestar contra a usina de Belo Monte

Protestos de movimentos sociais dão nó no trânsito

Camila Nobrega
camila.nobrega@oglobo.com.br
Martha Neiva Moreira
martha.moreira@oglobo.com.br

• Enquanto no Riocentro a ex-primeira-ministra da Noruega Gro Bruntland, e a ex-presidente do Chile e diretora da ONU Mulheres, Michelle Bachelet, defendiam ontem a necessidade de se dar mais poder e informação às mulheres, no Centro do Rio movimentos feministas na Cúpula dos Povos paravam o trânsito pela manhã. Cerca de 31 organizações saíram em passeata contra a economia verde, tema central da conferência da ONU, e pela liberdade feminina. Com faixas e tambores, as manifestantes, algumas com seios de fora, tomaram as principais vias do Centro, causando engarrafamento. O congestionamento continuou ao longo do dia, com uma manifestação de povos indígenas na porta do BNDES e de outro de ambientalistas contra o Código Florestal.

O carioca enfrentou engarra-

famentos de até sete quilômetros. Segundo a presidente da CET-Rio, Cláudia Secin, uma das vias mais afetadas foi a Linha Vermelha, sentido Centro, onde o órgão registrou um aumento de 33,4% no tempo do percurso entre a Ilha do Governador e a chegada ao Centro, no período entre 10h e 12h. Na Avenida Brasil, o tempo de percurso aumentou 50%. Também sofreram reflexos da efervescência da cidade as avenidas Radial Oeste e São Francisco Xavier. Mas, segundo o coordenador de operações e logística da cidade durante a Rio+20, Carlos Roberto Osório, o deslocamento das delegações não foi afetado.

As manifestações começaram pouco depois das 8h, quando integrantes de movimentos, como Marcha Mundial das Mulheres e Via Campesina, saíram do Sambódromo em direção ao Museu de Arte Moderna (MAM), no Aterro do Flamengo, onde acontece a Cúpula dos Povos. Cerca de cinco mil pessoas seguiram pelas avenidas Presidente Var-

gas, Rio Branco e Beira Mar e, depois da parada no MAM, continuaram pelas avenidas Almirante Barroso, Rio Branco e Nilo Peçanha e pela Rua da Assembleia até o Largo da Carioca.

Segundo Graciela Rodrigues, líder da Articulação das Mulheres Brasileiras, a ideia era chamar a atenção para a mercantilização da Natureza e a retirada dos direitos humanos do documento final da ONU:

— Ao defender a economia verde, o documento final da conferência está privatizando bens comuns, como o acesso à água.

De sutiã, a curitibana Camila Ohana, militante da SOS Floresta do Paraná, protestava contra a violência sexual.

— As mulheres devem ter o direito de fazer o que quiserem com o próprio corpo. Mulher não é objeto sexual — defendeu a jovem, que gritava “A nossa luta é por respeito, mulher não é só bunda e peito”.

A indiana Gracs Shatsang também estava no protesto, denunciando a dominação masculina

em seu país. De acordo com Gracs, na hora de escolher quem vai estudar, as famílias indianas privilegiam os homens.

Após a marcha das mulheres, índios contrários aos investimentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) em grandes empreendimentos na Amazônia, como a usina de Belo Monte, pararam o trânsito com arcos e flechas, no caminho até a sede do banco, também no Centro. Todas as portas do prédio do banco foram fechadas por precaução. O cacique Werakwaray, do Espírito Santo, disse que uma comissão de 12 índios negociou com autoridades da instituição.

Em nota, o BNDES informou que os manifestantes se reuniram com o vice-presidente da instituição, João Carlos Ferraz. Ficou acertada a formação de uma comissão de cinco representantes dos povos indígenas, que será recebida em julho. O objetivo é que os líderes e o banco elaborem uma agenda de trabalho conjunto. ■



VESTIDO COMO sócia da presidente Dilma, manifestante cospe fogo

De táxi ou de ônibus, o desafio do turismo no Rio

Corridas cobradas no tiro e motoristas que não falam inglês são pontos negativos

Hugo Naidin
hugo.naidin@oglobo.com.br

• Muito prazer. Estive no Rio semana passada para dois dias e noites de passeio. Fui pegar uma carona nesta Rio+20, ver “qualé”, como dizem por lá. Chamei-me Yuri, israelense de 31 anos, pela primeira vez na cidade. Não “ablo” português, sorry. Fui do Galeão a um hotel na Barra, de lá para Copacabana, depois pa-

ra um shopping, e de lá ao Corcovado. Passei ainda por Passarela do Samba, Pão de Açúcar e Aeroporto Santos Dumont. Ora de táxi, ora de ônibus. Gastei muito mais dinheiro e tempo do que gostaria, mas voltei para casa inteiro.

O visitante aqui foi lesado, ludibriado, feito de pato nas mãos de taxistas, sem, teoricamente, de nada saber. No ponto na subida para o Corcovado, um motorista uniformizado de uma cooperativa aparentemente credenciada, pois funcionava sob as barbas da Guarda Municipal, cobrou R\$ 80 para me levar ao Cristo, um programa que sai por R\$ 44 se

feito pelo trenzinho. O malandro, mal conseguindo disfarçar a surpresa diante do “sim” à proposta, achou necessário desenhar o valor num pedaço de papel, para que não restasse dúvida sobre o acerto. Na volta, experiência parecida: uma corrida no tiro de R\$ 30 combinada com outro taxista do Corcovado à Passarela do Samba. Sem engarrafamento, via Túnel Santa Bárbara e com o motorista dirigindo como se não houvesse amanhã, a viagem não levou dez minutos.

Do hotel na Rua Princesa Isabel, em Copacabana, solicitado que me levasse a um shopping, outro taxista percorreu toda a

orla até o Leblon — estando a dois minutos do Rio Sul. Em todos os casos, motoristas até simpáticos, que falavam (português) altíssimo na esperança de que, assim, eu os entendesse, mas que, entre sorrisos, levavam embora meu dinheiro.

O.k., fazer turismo de táxi é caro em qualquer grande cidade do mundo. Passeando de ônibus pelo Rio, o estrangeiro obviamente gastará muito menos — mas o que ele perderá de tempo não aparece em guia turístico algum. Se, de táxi, basta apontar no mapa aonde se deseja ir — e, claro, rezar para que o motorista seja honesto —, de ônibus é preciso, antes de qualquer coisa, descobrir onde obter a informação sobre qual (ou quais) linha(s) pegar.

A principal porta de entrada da cidade, o Aeroporto do Galeão cumpre, por linhas tortas, seu papel de apresentar ao estrangeiro o Rio “real”, com todas

as suas dores e delícias. O trajeto de táxi para a Barra inclui o cheiro de esgoto da Ilha do Fundão, a favela colada à Linha Vermelha, os túneis escuros, sujos e também sem sinalização. Mas apresenta, por outro lado, a combinação de mar e montanha que, se já passa batida aos olhos locais, arrebatou o turista. E, na conversa com o taxista, fui sendo introduzido ao tipo de inglês tatibitate que me acompanharia durante toda a viagem. Diante da disposição do motorista em arrolar todos os números que sabe sobre a wonderful city, até me esqueci que pagaria R\$ 135 pela corrida, combinada apressadamente quando as portas do aeroporto se abriram e pisei “pela primeira vez” em solo carioca.

No caminho de volta ao Galeão, o desafio foi ir de ônibus. A falta de opções tem seu lado positivo: como apenas uma linha chega até lá, é difícilimo errar.

Complicado, porém, é chegar ao Santos Dumont, principal ponto de partida dessa linha específica. Os ônibus normais deixam os turistas a cerca de 15 minutos a pé do aeroporto doméstico — tempo que, com a mochila nas costas, o medo de perder o voo e a total dependência da orientação de pedestres, parece uma eternidade.

Após a espera numa fila em pé e a céu aberto, pago R\$ 10 para entrar no ônibus para o Galeão e encarar 1h40 de engarrafamento. Cada lembrança da beleza da cidade vai sendo melancolicamente apagada a cada cinco minutos sem o girar das rodas.

O Rio deixa a gente calejado, mas de coração mole. Tanto que, pode esperar, qualquer dia desses estou de volta. ■

Reportagem publicada no vespertino para tablet O GLOBO A MAIS